

ROBERT BRYNDZA

**MOMENTO FINAL**

ROBERT BRYNDZA

# MOMENTO FINAL

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

Para Nanna May



# Prólogo

SÁBADO, 7 DE SETEMBRO DE 2002

Joanna Duncan saiu do edifício de escritórios e atravessou a estrada, cabisbaixa, contra a chuva. A chuva era boa, pensou o homem que a observava do interior do carro. As pessoas viam menos de cabeça curvada e guarda-chuva erguido.

Joanna movia-se depressa, subindo em direção ao velho parque de estacionamento com vários andares em Deansgate. Era baixa, com cabelo louro ondulado à altura dos ombros e feições fortes, quase gnómicas, mas estava longe de ser feia. Tinha uma beleza terrosa de deusa guerreira e usava um longo casaco preto e umas botas de *cowboy* em cabedal castanho. O homem esperou que um autocarro passasse e abandonou o seu local de estacionamento. O autocarro deixou um borrião de água suja no seu rasto e, por um momento, o homem perdeu Joanna de vista. Ligou os limpa-para-brisas e viu que Joanna estava perto da paragem de autocarro, onde uma fila de pessoas aguardava.

Às cinco horas e quarenta da tarde, as coisas começavam a acalmar, as lojas preparavam-se para fechar e as pessoas começavam a dispersar e a dirigir-se a casa. O autocarro chegou à paragem e encostou. No momento em que Joanna atravessava atrás dele, o homem acelerou, usando o autocarro para se proteger.

O parque de estacionamento em blocos de betão cinzento seria demolido dentro de poucos meses, e Joanna era uma das poucas pessoas que ainda estacionavam lá o carro. Ficava perto do escritório

onde trabalhava, e ela era teimosa. Essa teimosia ajudava à realização do plano do homem.

Ao virar à direita para a entrada do parque de estacionamento, viu que Joanna estava mesmo a passar o autocarro. A rampa dos carros subia em espiral, e, zozzo de conduzir em círculos, chegou ao terceiro andar. O *Ford Sierra* azul de Joanna era o único carro naquele piso, estacionado no meio de uma fila vazia. O interior do parque de estacionamento estava tenuemente iluminado e, a intervalos regulares, havia amplas e toscas janelas abertas. À luz que esmorecia, entrava um ténue borrifo de chuva, escurecendo o betão já húmido.

Estacionou o carro no espaço à esquerda do poço do elevador e das escadas. Os elevadores não funcionavam, pelo que Joanna tomaria as escadas. O homem desligou o motor e saiu, dirigindo-se apressadamente a uma das janelas com vista para a rua principal. Viu-lhe o topo da cabeça enquanto ela atravessava a estrada para entrar no parque de estacionamento. Correu de novo para o carro, debruçou-se para o interior e abriu a bagageira. Tirou de lá um pequeno saco de plástico preto e grosso.

Joanna era rápida, sendo que o homem mal tinha acabado de preparar o saco quando ouviu o arrastar dos seus sapatos nas escadas. Não se podia atrapalhar, e tinha de pensar rápido. Posicionou-se junto à entrada das escadas. Assim que Joanna chegou ao topo e saiu, ele enfiou-lhe o saco na cabeça, puxou-a para trás e usou as pegas para apertar bem o plástico à volta do seu pescoço.

Joanna gritou e cambaleou, deixando cair a grande bolsa que transportava. Ele apertou mais o saco. O plástico colava-se-lhe ao crânio e abaulava junto à boca e ao nariz à medida que ela lutava para respirar.

Agarrando-lhe o cabelo e o saco de plástico, o homem apertou com mais força, fazendo-a soltar um gemido estrangulado.

Uma brisa fresca entrava pelas janelas, e ele sentiu um borrifo de chuva nos olhos. Joanna debatia-se e boqueava, tentando rasgar o plástico grosso. Ele era muito mais alto, mas foram precisas todas as suas forças para se manter firme e não se desequilibrar.

Ficava sempre espantado com o tempo que alguém demorava a sufocar. A vontade de viver era demasiado morosa para os dramas

televisivos, ocuparia demasiado tempo de uma cena. Após o primeiro minuto a arranhar inutilmente o plástico escorregadio que lhe tapava a cabeça, Joanna armou-se de esperteza e começou a atacar, desferindo-lhe dois grandes murros nas costelas e apontando um pontapé aos seus genitais, que ele conseguiu evitar.

O homem suava devido ao esforço quando tirou uma das mãos do plástico e a estendeu para agarrar Joanna pela garganta, erguendo-a do betão de modo que o saco se tornasse uma força, acelerando a sua morte.

Joanna pontapeou o ar, soltando depois um terrível gemido esterrososo, como se estivesse a esmorecer. Com um último estremecimento, ficou imóvel. Por um momento, ficou suspensa no aperto do homem, e então ele largou-a. O seu corpo caiu no piso de betão com um desagradável baque oco. O assassino estava ensopado em suor e com dificuldades em recuperar o fôlego. Tossiu, e o som ecoou pelo vasto espaço vazio. O parque de estacionamento tresandava a urina e humidade. Sentiu o ar frio na pele e olhou em volta. Ajoelhou-se, deu um nó no saco de plástico junto à nuca de Joanna e arrastou o corpo para junto do carro. Deitou-a no chão, no intervalo entre o seu veículo e a parede exterior do poço do elevador. Abriu a bagageira e pegou no corpo inerte, passando um dos seus braços debaixo das pernas e o outro por baixo dos ombros, como um noivo a transportar a sua recém-esposa para lá da soleira da porta. Colocou-a na bagageira do carro, tapou-a com um cobertor e fechou a mala. Com um laivo de pânico, viu que a bolsa dela continuava no chão, junto às escadas. Apanhou-a e regressou ao carro. O computador e o bloco de notas de Joanna estavam lá dentro, juntamente com o seu telemóvel. Verificou o registo de chamadas e as mensagens de texto, após o que o desligou e limpou cuidadosamente com um pano. Dirigiu-se rapidamente ao carro de Joanna e deixou o telemóvel por baixo deste.

Passou mais um minuto a verificar cuidadosamente com uma lanterna o pedaço de terreno onde agarrara Joanna para ver se tinha deixado cair alguma coisa, mas estava tudo limpo.

Entrou no seu carro e deixou-se ficar sentado por um momento, em silêncio.

*E agora? Ela tinha de desaparecer. O cadáver. O computador. Todas as provas de ADN tinham de desaparecer.*

Ocorreu-lhe uma ideia. Era arrojada e arriscada, mas se resultasse... Ligou o motor e partiu.



# 1

## TREZE ANOS DEPOIS

*Terça-feira, 5 de maio de 2015*

— Quanto vai custar a arranjar? — perguntou Kate Marshall, vendo Derek, o velho faz-tudo, medir lentamente o caixilho partido da janela.

Estavam junto a uma caravana *Airstream* de alumínio de 1950, e o sol do meio da manhã refletia-se na orla curvada do seu tejadilho. Kate semicerrou os olhos e pôs os óculos de sol.

— Estamos a falar em janelas de vidro *redondas* — disse Derek, com o seu forte sotaque da Cornualha. Bateu com a ponta da fita métrica no caixilho. — São caras de consertar.

— Quão caras?

Derek fez uma pausa, sugando ar pelos lábios. Parecia incapaz de responder a uma pergunta sem uma pausa enfurecedoramente longa. Revirou a dentadura de cima na boca.

— Quinhentas libras.

— Cobrou duzentas à Myra para consertar uma destas janelas redondas — observou Kate.

— Ela estava a passar um mau bocado, com aquilo do cancro. E o vidro redondo é mais trabalhoso para um vidraceiro. A pega está embutida no vidro.

Myra fora amiga de Kate durante nove anos, e tinham-se tornado próximas. A sua morte, dezoito meses antes, fora súbita e um choque.

– Agradeço que tenha ajudado a Myra, mas quinhentas libras é demasiado. Posso procurar outra pessoa.

Derek revirou novamente a dentadura na boca e a orla gomosa e rosada da prótese apareceu-lhe fugazmente por entre os lábios. Kate tirou os óculos de sol e olhou-o nos olhos, recusando-se a desviar o olhar.

– Vai demorar uma semana, com o corte especializado do vidro e tudo isso, mas assentemos duzentas e cinquenta libras.

– Obrigada.

Derek pegou no seu saco de ferramentas e desceram ambos a colina inclinada que ia do parque de caravanas até à estrada. Havia oito caravanas estáticas, cuidadosamente espaçadas, numa miscelânea de estilos que iam do moderno UPVC branco à mais velha, uma caravana Romani com a pintura vermelha e verde desbotada. As caravanas eram arrendadas a pessoas que iam ali para fazer férias de caminhada ou de *surf*. Cada caravana tinha dois quartos e uma pequena cozinha, e algumas das mais novas tinham casas de banho. O parque de caravanas situava-se no extremo inferior da escala da hospitalidade, mas era particularmente popular junto dos surfistas, pois era um sítio barato para se alojarem e ficava a uma curta caminhada da praia, que tinha algumas das melhores ondas da região de Devon e da Cornualha. O período de férias começaria dentro de uma semana e a primavera parecia ter finalmente chegado. As árvores circundantes estavam a encher-se de folhas e o céu estava de um límpido azul.

Quando chegaram ao pequeno lanço de degraus em betão que descia para a estrada, Kate ofereceu o braço a Derek para o apoiar, mas ele ignorou-a, retraindo-se à medida que desciam lentamente até ao local onde o seu carro estava estacionado. Abriu a mala e enfiou o saco de ferramentas lá dentro. Olhou para ela; os seus olhos azul-água eram penetrantes.

– Aposto que foi um choque quando a Myra lhe deixou a casa e o negócio em testamento.

– Sim.

– E não deixou nada ao filho... – observou Derek, fazendo estalar a língua e abanando a cabeça. – Sei que não eram chegados, mas, como eu sempre digo, os laços de sangue são sempre mais fortes do que tudo o resto.

Fora uma surpresa para Kate que Myra lhe tivesse deixado tudo. Tal causara muita raiva ao filho de Myra e à respetiva esposa, e gerara muitos mexericos locais e comentários cínicos.

– Tem o meu número. Avise-me quando o vidro estiver pronto – disse Kate, não querendo continuar a conversa.

Derek pareceu ficar irritado por Kate não lhe dizer mais nada sobre o assunto. Acenou secamente, entrou no carro e partiu, deixando-a num rasto de fumo negro.

Kate tossiu e limpou os olhos, ouvindo então o ligeiro som do seu telemóvel a tocar. Atravessou rapidamente a estrada, dirigindo-se a um edifício baixo e quadrado. No piso térreo situava-se a loja do parque de campismo, ainda entaipada para o inverno. Kate subiu um lanço de escadas na lateral do edifício até ao segundo andar e entrou no pequeno apartamento onde Myra vivera, que utilizava agora como escritório.

Uma fila de janelas percorria toda a extensão das traseiras do edifício, com vista para a praia. A maré estava baixa, expondo as rochas negras cobertas de algas. À direita projetava-se uma fila de falésias, formando a orla da baía, para lá da qual ficava a cidade universitária de Ashdean, que era claramente visível naquele dia luminoso e soalheiro. O seu telemóvel parou de tocar quando estava a chegar à secretária.

A chamada não atendida era de um número fixo com um indicativo que não reconheceu. Estava prestes a devolver a chamada quando a notificação relativa a uma nova mensagem de voz surgiu no ecrã. Kate ouviu-a; era de uma mulher mais velha com sotaque da Cornualha que falava num *staccato* hesitante e nervoso.

– Olá... Encontrei o seu número *online*... Vi que acaba de abrir a sua própria agência de detetives privados... Chamo-me Bev Ellis e estou a ligar por causa da minha filha, Joanna Duncan. Era jornalista e desapareceu há quase treze anos... Simplesmente desapareceu. A polícia nunca descobriu o que lhe aconteceu, mas desapareceu *mesmo*. Não fugiu, nem nada do género... Tinha tudo a seu favor. Quero contratar um detetive privado que possa descobrir o que lhe aconteceu. O que aconteceu ao corpo dela... – Nesse momento, a sua voz falhou e ela respirou fundo, engolindo ruidosamente em seco. – Por favor, ligue-me de volta.

Kate ouviu novamente a mensagem. A julgar pelo tom de voz da mulher, fora obviamente necessária uma grande coragem para fazer a chamada. Kate abriu o portátil para pesquisar o caso e hesitou. Devia ligar imediatamente de volta à mulher. Havia outras duas agências de detetives estabelecidas há muito ali perto, em Exeter, com *sites* e escritórios elegantes, e ela podia estar a ligar-lhes também.

A voz de Bev ainda estava trémula quando atendeu o telefone. Kate pediu desculpa por não ter atendido a chamada e transmitiu-lhe as suas condolências pela perda da filha.

– Obrigada – respondeu Bev.

– Vive aqui na zona? – perguntou Kate, enquanto pesquisava «Joanna Duncan desaparecida» na Internet.

– Vivemos em Salcombe. A cerca de uma hora.

– Salcombe é muito bonito – disse Kate, examinando os resultados da pesquisa que tinham aparecido no seu ecrã.

Dois artigos de setembro de 2002 no *West Country News* diziam:

MÃE DEVASTADA DA JORNALISTA LOCAL JOANNA DUNCAN APELA A TESTEMUNHAS  
DO DESAPARECIMENTO DA SUA FILHA JUNTO AO CENTRO DA CIDADE DE EXETER.

PARA ONDE FOI JO?

TELEMÓVEL ENCONTRADO ABANDONADO JUNTO AO CARRO  
NO PARQUE DE ESTACIONAMENTO DE DEANSGATE

Outra manchete do jornal *Sun* dizia:

JORNALISTA LOCAL DO WEST COUNTRY DESAPARECE

– Vivo com o meu companheiro, o Bill – disse Bev. – Estamos juntos há anos, mas mudei-me recentemente para casa dele. Costumava viver numa casa camarária em Moor Side, nos arredores de Exeter... É um ambiente muito diferente.

Outra manchete, datada de 1 de dezembro de 2002, que admitia que Joanna estava desaparecida há quase três meses, captou o olhar de Kate.

Quase todos os artigos usavam a mesma foto de Joanna Duncan, numa praia contra um céu azul e com uma areia branca perfeita.

Tinha olhos azul-claros, maçãs do rosto altas, um nariz forte e os dentes da frente ligeiramente salientes. Estava a sorrir. Tinha um grande cravo vermelho enfiado atrás da orelha esquerda e segurava um coco partido ao meio com um guarda-chuva de *cocktail*.

– Disse que a Joanna era jornalista? – perguntou Kate.

– Sim. No *West Country News*. Ela estava a preparar-se para grandes feitos. Queria mudar-se para Londres e trabalhar para um dos tabloides. Adorava o emprego. Tinha acabado de se casar. A Jo e o marido, o Fred, queriam ter filhos... Ela desapareceu num sábado, no dia 7 de setembro. Tinha estado a trabalhar em Exeter e saiu por volta das cinco e meia. Um dos colegas dela viu-a sair. Não eram nem quatrocentos metros a pé dos escritórios do jornal ao parque de estacionamento, mas algo aconteceu algures pelo caminho. Simplesmente desapareceu... Encontrámos o carro dela no parque de estacionamento; o telemóvel estava por baixo. A polícia não tinha nada, não havia suspeitos. Passaram quase treze anos a fazer sabe Deus o quê, e então, na semana passada, ligaram-me a dizer que, ao fim de doze anos, o caso se encontra agora arquivado. Desistiram de encontrar a Jo. Tenho de descobrir o que lhe aconteceu. Sei que provavelmente está morta; mas quero encontrá-la e dar-lhe o devido repouso. Vi um artigo sobre si na *National Geographic*, de como encontrou o corpo daquela jovem que estava desaparecida há vinte anos... Depois pesquisei por si no *Google* e vi que tinha acabado de criar a sua própria agência de detetives. É verdade?

– Sim – confirmou Kate.

– Agrada-me que seja uma mulher. Passei tantos anos a lidar com homens polícias condescendentes – disse Bev, erguendo a voz em desafio. – Podemos encontrar-nos? Posso ir ao seu escritório.

Kate ergueu o olhar para o que lhe servia de «escritório». O espaço que estavam a utilizar fora a sala de estar de Myra. Tinha ainda a velha alcatifa estampada dos anos setenta e a sua secretária era uma mesa de jantar em laminado aberta. Ao longo de uma das paredes encontravam-se garrafas de desinfetante para urinóis e embalagens de rolos de papel higiénico para o parque de caravanas. Um grande quadro de cortiça na parede tinha uma nota que dizia «CASOS ATIVOS» afixada no topo, mas estava vazio. Desde a conclusão da sua mais recente missão, a verificação dos antecedentes de um jovem para

a sua potencial empregadora, que a agência não tinha trabalho. Quando Myra deixara o seu património a Kate, fora na condição de ela se despedir do seu emprego e seguir a ambição de abrir uma agência de detetives. Estavam há nove meses no ativo, mas transformar a agência em algo que pudesse dar lucro estava a revelar-se difícil.

– Porque não vou eu ter consigo com o meu colega, o Tristan? – sugeriu Kate.

Tristan Harper era o sócio de Kate na agência, e estava no seu outro emprego nesse dia. Três dias por semana, trabalhava na Universidade de Ashdean como assistente de investigação.

– Sim, eu lembro-me do Tristan do artigo na *National Geographic*... Olhe, estou livre amanhã. Mas provavelmente têm a agenda toda preenchida.

– Deixe-me falar com o Tristan, consultar a nossa agenda e já lhe ligo de volta – respondeu Kate.

Quando pousou o telemóvel, no fim da chamada, tinha o coração a palpitar de entusiasmo.